

Diário de Notícias

Diretores temem que terceiro período curto afete os resultados

05 DE ABRIL DE 2017 ÀS 09:46

Pedro Sousa Tavares

PUB

Associações lembram que Páscoa tardia costuma baixar rendimento. Pais querem melhorias nas tutorias de alunos

O facto de os feriados da Páscoa chegarem este ano a meio de Abril, atirando o fim da interrupção letiva do segundo período para dia 18 deste mês, é um motivo de preocupação para as duas principais associações de diretores, as quais lembram que, quando isto sucede, o empenho dos alunos e os resultados escolares tendem a piorar.

"Temos um primeiro período e um segundo iguais, de mais ou menos 66 dias úteis, e um terceiro período que, nos casos do 9.º ano e do ensino secundário [por força dos Exames nacionais] tem metade do tempo dos outros, com apenas 33 dias úteis de duração", lamenta Filinto Lima, da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), que antevê dificuldades, associadas ao risco de haver menos "motivação" e concentração entre os estudantes.

"Um aluno que tenha tido positiva no primeiro e no segundo período já sabe à partida que irá atingir um nível positivo no final do ano e o oposto também sucede", explica. "isto pode levar a que ele se desinteresse. Sabe se já passou ou se não passou e os níveis de desmotivação ou de indisciplina podem aumentar".

Também o presidente da Associação Nacional de Diretores Escolares (ANDE), Manuel António Pereira, adivinha, com base na experiência do passado, consequências negativas das férias da Páscoa tardias. "É verdade que a dimensão do segundo e terceiro período é fator condicionante do sucesso", concorda, citando mesmo "uma expressão com quarenta anos que continua a fazer sentido: "Páscoa alta, chumbo na malta". Quando a Páscoa é alta, normalmente há mais insucesso", avisa.

A ANDAEP vem defendendo há alguns anos a divisão do ano letivo em dois semestres, "mantendo as interrupções letivas atuais", explica Filinto Lima. Uma ideia que não é subscrita pela ANDE. Para Manuel António Pereira, a solução seria "garantir que o segundo período terminava sempre em março", resumindo-se a interrupção da Páscoa aos respetivos feriados.

Menos preocupado com esta questão está José Eduardo lemos, presidente do Conselho das Escolas, um órgão consultivo do Ministério da Educação. "Há de facto um certo desequilíbrio na duração dos períodos letivos mas não vejo que daí venha algum mal ao mundo", considera. "No final, o aluno é avaliado pelo que fez o ano todo".

Tutorias a meio gás

Na altura de fazer um balanço do ano letivo até agora, Manuel António Pereira e Filinto Lima concordam em destacar a "maior disponibilidade" do Ministério da Educação para o diálogo com as escolas. Já ao nível dos problemas apontam questões como a falta de pessoal auxiliar e a degradação do material informático, com os stocks de computadores a não serem atualizados desde os tempos da ministra Maria de Lurdes Rodrigues.

Jorge Ascensão, da Confederação Nacional das Associações de Pais sublinha pela positiva a escassez de "situações que tenham perturbado de forma significativa o funcionamento das escolas", mas não esconde alguma desilusão, até pelas expectativas criadas pela promessa de "uma escola mais diferenciadora", com a falta de mudanças. "Continuamos a trabalhar da mesma forma", diz, apontando as tutorias de alunos em dificuldades como uma das apostas ainda aquém do desejável. Já os diretores esperam resultados positivos das tutorias, embora admitam que, por vezes por falta de meios, os níveis de sucesso variem entre escolas.

Para mais detalhes consulte:

<http://www.dn.pt/portugal/interior/diretores-temem-que-terceiro-periodo-curto-afete-os-resultados-5771013.html>

Global Notícias - Media Group S.A.

Copyright © - Todos os direitos reservados